



Hanseníase em Crianças e Adolescentes no Brasil: Uma Revisão da Literatura

Samuel Ferreira Leite Filho ¹, João Victor Teixeira Firmino¹, Ana Beatriz Dantas Pinto¹, Denise Barguil Nepomuceno ¹

ARTIGO DE REVISÃO

RESUMO

A hanseníase apresenta um histórico marcado pelo estigma e exclusão. Anteriormente denominada lepra, vista como contagiosa e incurável, a doença ainda gera preconceito e desafios psicossociais, provocando medo e angústia nos afetados, especialmente em crianças e adolescentes. Assim, este estudo objetivou revisar a literatura existente sobre os impactos da hanseníase na vida das crianças e dos adolescentes brasileiros. Para essa investigação, realizou-se pesquisa bibliográfica exploratória nas plataformas do Google Acadêmico e Scielo, utilizando os descritores "hanseníase em menores de 15 anos" e "hanseníase em crianças e adolescentes", bem como suas combinações. Os estudos avaliados mostram que a revelação do diagnóstico acarreta impactos adversos, exacerbados pela maneira como as famílias lidam com a situação, gerando ansiedade diante do desconhecido. No ambiente escolar, equívocos disseminados sobre a doença alimentam comportamentos preconceituosos, prejudicando a integração e o interesse pelo estudo. A implementação do acolhimento no cuidado à saúde desse importante contingente social emerge como essencial para fortalecer os vínculos e minimizar falhas no atendimento, enquanto uma abordagem inclusiva e humanizada na assistência se mostra fundamental para promover o bem-estar dessa população, sendo crucial que os profissionais adotem uma linguagem lúdica para compreender o universo infantil e adolescente.

Palavras-chave: Hanseníase, Estigma, Crianças, Adolescentes, Humanização, Brasil.

Hansen's Disease in Children and Adolescents in Brazil: A Literature Review

ABSTRACT

Hansen's disease carries within itself a history of stigma and exclusion. The persistence of its association with leprosy, seen as contagious and incurable, still generates prejudice and psychosocial challenges, creating fear and anguish in those infected, especially children and adolescents. Here, we aimed to review the current literature regarding the impacts of Hansen's disease on the lives of children and adolescents in Brazil. We verified that the diagnosis leads to multiple adverse impacts, aggravated by the family's handling of the situation, generating anxiety before the unknown. In the school environment, widespread misconceptions about the disease fuel prejudiced behavior, harming integration and interest in studying. The implementation of welcoming reception in the health care of this important social group emerges as essential to strengthen bonds and minimize gaps in care, while an inclusive and humanized approach to care is fundamental to promoting the well-being of this population, and professionals must adopt a ludic language to understand the world of children and adolescents.

Keywords: Hansen's disease, Stigma. Child. Adolescent. Humanization. Brazil.

Instituição afiliada – Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús / Universidade Estadual do Ceará

Dados da publicação: Artigo recebido em 09 de Abril e publicado em 29 de Maio de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n5p2237-2251>

Autor correspondente: Denise Barquil Nepomuceno. Email: denise.barquil@uece.br

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A hanseníase figura entre as doenças mais ancestrais, carregando o estigma do preconceito e da exclusão ao longo de sua história. Vários autores destacam a persistente associação da doença com o termo “lepra”, reconhecido como contagioso, desfigurante e incurável, ainda presente no imaginário coletivo. Tal associação é determinante para a manutenção do preconceito e dos desafios psicossociais relacionados à doença, gerando ainda hoje temor e angústia nos afetados (Marinho *et al.*, 2015).

A hanseníase é uma enfermidade infecciosa provocada pela micobactéria *Mycobacterium leprae*, sendo reportada em mais de 120 países e com mais de 200.000 novos casos por ano, destacando-se como uma das principais doenças tropicais negligenciadas (WHO, 2023). Essas enfermidades não apenas persistem em contextos de pobreza, mas também contribuem significativamente para a perpetuação da desigualdade social, pois constituem um sério obstáculo ao desenvolvimento dos países (Maia; Silva; Silva, 2020).

Nessa perspectiva, a hanseníase mantém-se um desafio para a saúde pública no Brasil. Embora a prevalência da doença tenha diminuído globalmente nos últimos anos, o país continua registrando aproximadamente 33.000 novos casos anualmente, com 7% deles afetando menores de 15 anos. Isso mantém o Brasil como o segundo país com o maior número de casos no mundo, ficando atrás apenas da Índia (Marinho *et al.*, 2015).

As crianças e os adolescentes afetados pela hanseníase podem enfrentar diversos impactos em sua saúde física, emocional e social. Dessa maneira, a vivência da doença nessa faixa etária pode ser marcada por alterações nas atividades diárias, nas habilidades práticas e no lazer, devido aos sintomas clínicos da hanseníase, aos efeitos adversos dos medicamentos e ao preconceito enfrentado. Esses desafios podem acarretar numerosos prejuízos psicossociais para essa parcela importante da sociedade (Marinho *et al.*, 2015).

Assim, torna-se evidente o impacto da hanseníase na vida das crianças e dos adolescentes, o que requer uma investigação mais profunda desta temática. Portanto, este estudo teve como objetivo explorar não apenas os aspectos clínicos da hanseníase,

suas causas e consequências físicas para crianças e adolescentes, mas também analisar as modificações psicossociais e entender como eles e seus familiares lidam com essa enfermidade.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, caracterizada por análises e sínteses que compreendem um processo metódico de examinar e compilar as informações provenientes de estudos pertinentes publicados sobre um tema específico, neste caso, a hanseníase em crianças e adolescentes no contexto brasileiro. Essa abordagem visa a condensar parte de um corpo de conhecimento existente, permitindo alcançar conclusões fundamentadas sobre o assunto de interesse (Mancini; Sampaio, 2006).

Foram realizadas pesquisas bibliográficas exploratórias por meio de consultas nas plataformas Google Acadêmico e Scielo, empregando os descritores "hanseníase em menores de 15 anos" e "hanseníase em crianças e adolescentes", bem como suas combinações. Inicialmente, foram selecionados 15 artigos no Google Acadêmico e 8 na Scielo; após a aplicação dos critérios de exclusão restaram 9 artigos para análise. Os trabalhos foram selecionados com base em critérios de inclusão que abrangiam a relevância direta ao tema da hanseníase em crianças e adolescentes, a publicação entre os anos de 2005 e 2023, no idioma português, e a presença dos descritores de pesquisa nos títulos e/ou resumos. Como critérios de exclusão, para descartar obras não pertinentes ao escopo da pesquisa, foram desconsiderados trabalhos publicados fora do período estipulado e artigos duplicados nas bases de dados utilizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a busca bibliográfica nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo e aplicação de critérios de inclusão e exclusão, 9 artigos pertinentes ao escopo desta revisão foram selecionados e utilizados para análise. O quadro 1 sintetiza os principais aspectos dos artigos selecionados.

Quadro 1 - Síntese dos principais aspectos dos artigos selecionados

Autor/Ano	Base de Dados	Título	Objetivos
Maia, M. A.; Silva, B. A.; Silva, R., 2020	Google Acadêmico	Extensão universitária: hanseníase na escola, em busca de um diagnóstico precoce.	Relatar a experiência de um projeto de extensão realizado em escolas com o intuito de desenvolver atividades que esclarecessem sobre sinais da doença e possível detecção de casos novos.
Ponte, K. M. De A.Ximenes Neto, F. R. G., 2005	Scielo	Hanseníase: a realidade do ser adolescente.	Analisar e caracterizar o perfil social, epidemiológico e demográfico dos portadores de hanseníase, assim como verificar os conhecimentos dos adolescentes sobre a doença e identificar desafios enfrentados mediante a vivência da hanseníase.
Marinho, F. D. <i>et al.</i> , 2015	Google Acadêmico	Hanseníase em menores de 15 anos: uma revisão bibliográfica.	Identificar e analisar a produção científica nacional acerca da hanseníase em menores de 15 anos, no período de 2004 a 2014.
Melos Matos, E. V. <i>et al.</i> , 2015	Google Acadêmico	Hanseníase em menores de quinze anos: revisão integrativa.	Avaliar a conjuntura epidemiológica da hanseníase em menores de 15 anos no Brasil.
Mota, A. O. da N. <i>et al.</i> , 2021	Google Acadêmico	Hanseníase na infância: uma série de casos.	Relatar os casos de 10 crianças com diagnóstico de



			hanseníase em um serviço no norte do Brasil.
Nunes, M. J; Oliveira, E. N; Vieira, N. F. C, 2009	Scielo	Hanseníase: conhecimentos e mudanças na vida das pessoas acometidas.	Averiguar o conhecimento de pessoas em tratamento para hanseníase sobre sua doença e tratamento e investigar possíveis mudanças na vida dessas pessoas, após o diagnóstico da doença.
Oliveira, J. D. C. P de; Marinus, M. W. de L. C; Monteiro, E. M. L. M, 2020	Scielo	Práticas de atenção à saúde de crianças e adolescentes com hanseníase: discursos de profissionais.	Analisar as práticas de atenção à saúde de crianças e adolescentes com hanseníase, a partir dos discursos de profissionais de saúde.
Rodrigues, T. <i>et al.</i> , 2012	Google Acadêmico	Hanseníase em menores de 15 anos na cidade de Juazeiro - BA.	Identificar e analisar de acordo com dados do Sistema de Informação de Agravos e Notificações (SINAN) e o Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB) os casos de Hanseníase notificados em menores de 15 anos, no ano de 2010.
Vieira, M. C. A. <i>et al.</i> , 2023	Scielo	Repercussões no cotidiano de crianças e adolescentes que viveram com hanseníase.	Compreender as repercussões da doença na vida cotidiana de crianças e adolescentes acometidos pela hanseníase.

Hanseníase: visão geral, etiologia, manifestações clínicas e diagnóstico

A hanseníase, uma doença infecciosa crônica, é causada pela micobactéria *Mycobacterium leprae* e apresenta alta prevalência no Brasil. Em 2019 foram notificados globalmente 202.185 novos casos, com o Brasil contribuindo com 27.863 registros, ficando atrás apenas da Índia no ranking mundial de incidência. Entre a população pediátrica, considerada um indicador importante da propagação do *M. leprae* na comunidade, foram registrados 14.981 novos casos em 2019 (Mota *et al.*, 2021).

M. leprae assume a forma de um bastonete reto ou levemente curvado, podendo ser encontrado isolado ou agrupado em estruturas chamadas "globias", unidas por uma substância conhecida como gléia. Este bacilo é classificado como um parasita intracelular obrigatório, tendo a capacidade de se instalar nos macrófagos e nas células de Schwann que envolvem os axônios dos nervos periféricos, demonstrando um tropismo pela epiderme e pelo sistema nervoso periférico (Melo *et al.*, 2015).

Devido a preferência pelo tecido cutâneo e pelo sistema nervoso periférico, quando *M. leprae* infecta um indivíduo, sua natureza como parasita intracelular obrigatório de crescimento lento leva à infecção de macrófagos e células de Schwann, desencadeando o quadro clínico característico da doença. A forma clínica da hanseníase está diretamente ligada à interação do microrganismo com o sistema imunológico do hospedeiro, resultando em variações significativas entre os pólos paucibacilar e multibacilar (Mota *et al.*, 2021).

A transmissão ocorre por meio de um indivíduo infectado, sem tratamento, que expele o bacilo pelas vias aéreas superiores, podendo infectar outras pessoas. Estima-se que apenas uma parte da população exposta à bactéria desenvolve a doença (Nunes; Oliveira; Vieira, 2011).

O diagnóstico é realizado através da observação clínica das lesões, da palpação dos troncos nervosos periféricos, da avaliação da sensibilidade e da força muscular em seus territórios, especialmente nos membros superiores e inferiores. Além disso, destaca-se a importância da pesquisa por *M. leprae* na linfa de pacientes multibacilares, uma prática comum no Brasil, que envolve examinar cinco áreas específicas: ambos os



lobos da orelha, o cotovelo direito e a lesão cutânea suspeita (Mota *et al.*, 2021).

A hanseníase em crianças e adolescentes

Embora a hanseníase seja tradicionalmente associada a adultos devido ao longo período de incubação, crianças e adolescentes são igualmente suscetíveis, pois a doença pode afetar pessoas de todas as idades. É crucial destacar que a redução de casos entre menores de 15 anos é uma prioridade tanto do Programa Nacional de Controle da Hanseníase da Secretaria de Vigilância Epidemiológica do Ministério da Saúde quanto do 6º Objetivo de Desenvolvimento do Milênio (Melo *et al.*, 2015).

Nessa perspectiva, um elevado número de casos de hanseníase em crianças com menos de 15 anos revela a persistência da doença e a transmissão ativa da micobactéria em uma determinada comunidade, bem como falhas na vigilância e no controle da doença. Isso sugere uma possível lacuna nas políticas de saúde destinadas ao diagnóstico precoce da hanseníase, especialmente nesse grupo etário. A incidência de hanseníase nesse grupo social pode ser vista como um indicador da presença da doença na população em geral, sendo crucial sua identificação para avaliar o nível de transmissão (Melo *et al.*, 2015).

A persistência de altos níveis de endemidade da hanseníase em algumas localidades sugere que crianças possam estar em contato com casos ainda não identificados pelo sistema de saúde. Em situações de alta transmissibilidade e exposição precoce ao bacilo, o risco de adoecimento cresce consideravelmente. Portanto, a detecção precoce em indivíduos abaixo dos 15 anos é vista como um indicador significativo da gravidade da endemia (Melo *et al.*, 2015).

A alta prevalência da doença em uma determinada área resulta de diversas exposições da população ao bacilo, especialmente nos primeiros anos de vida. Assim, o Ministério da Saúde enfatiza a importância de priorizar e agilizar o diagnóstico da hanseníase em menores de 15 anos, pois isso representa um dos principais indicadores epidemiológicos para compreender a dinâmica de transmissão da doença. Uma região é considerada de alta endemidade quando o coeficiente de detecção em menores de 15 anos ultrapassa 10 por 100.000 habitantes (Rodrigues *et al.*, 2012).

Dessa forma, uma das estratégias de controle da hanseníase tem sido a identificação e o monitoramento de áreas com maior risco de detecção da doença, por

meio da identificação de *clusters*, que são agrupamentos de municípios com base em critérios epidemiológicos. Esses municípios estão concentrados principalmente nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, que apresentam os maiores índices de prevalência de hanseníase no Brasil (Rodrigues *et al.*, 2012).

Portanto, o tratamento inadequado da doença ou a demora no diagnóstico podem impactar seriamente a saúde dessa população, resultando em deformidades e incapacidades permanentes, o que altera significativamente suas vidas. Essas mudanças afetam atividades diárias e de lazer, seja devido aos efeitos colaterais dos medicamentos, às manifestações clínicas da doença ou à discriminação social, destacando a necessidade de políticas públicas inclusivas para atender às suas demandas de saúde (Oliveira; Marinus; Monteiro, 2020).

A relação da criança e do adolescente com a hanseníase

Após a análise aprofundada dos aspectos clínicos da hanseníase, incluindo etiologia, diagnóstico e outras considerações relevantes para a prática clínica, torna-se imprescindível explorar a interação entre a hanseníase, as crianças e os adolescentes, a fim de compreender as distintas realidades enfrentadas por esse grupo populacional ao lidar com essa condição.

Existem diversas facetas na relação entre a hanseníase e os jovens, como o entendimento da doença, os receios em relação ao prognóstico, os impactos na interação social - tanto no seio familiar quanto nas relações de amizade -, os processos de superação e as expectativas futuras. Esses elementos são cruciais para uma compreensão mais profunda da dinâmica entre a hanseníase e a infância e adolescência.

Quando se trata de crianças e adolescentes, as pesquisas geralmente apontam para uma série de desafios como a evasão escolar, a deterioração da autoimagem, a diminuição da autoestima, os efeitos adversos dos medicamentos, o medo de mudanças, o preconceito e a autocrítica. Vale reforçar que o surgimento da doença nessa fase da vida serve como um indicador sensível da situação epidemiológica da hanseníase. Isso porque, ao identificar as fontes de infecção, geralmente familiares adultos não diagnosticados precocemente ou sem tratamento oportuno, torna-se evidente que as crianças estão em contato próximo e prolongado com esses indivíduos,

possivelmente sendo infectadas em tenra idade (Vieira *et al.*, 2023).

Preconceito e estigma: fatores que evidenciam o medo

Historicamente, a hanseníase é uma doença marcada pelo preconceito e pelo estigma. Esta condição ancestral, com raízes profundas na história das civilizações, foi desde o princípio percebida como uma enfermidade contagiosa e irremediável, carregando inclusive uma carga religiosa significativa. Ao longo dos séculos, essa percepção contribuiu para a intensificação do repúdio, da discriminação e da marginalização dos afetados pela doença na sociedade. Como resultado, os enfermos foram relegados ao isolamento e ao confinamento por períodos prolongados, gerando o estigma e o preconceito que ainda perduram (Maia; Silva; Silva, 2020).

Devido à sua natureza estigmatizante, repleta de relatos de incapacidade, amputações, propagação facilitada e impregnada de preconceitos, esta enfermidade carrega consigo uma aura sombria e complexa (Ponte; Ximenes Neto, 2005), o que explica a razão subjacente ao intenso temor frequentemente experimentado por crianças e adolescentes ao se depararem com o diagnóstico de hanseníase, abrangendo a percepção de enfrentar uma enfermidade incurável e assustadora.

Nesse sentido, o momento da revelação do diagnóstico de hanseníase acarreta impactos adversos significativos na vida de crianças e adolescentes, destacando-se a forma como suas famílias lidam com a situação, contribuindo para o processo de adoecimento. Além disso, desencadeia angústia pela necessidade da rápida assimilação de informações sobre a doença e seu tratamento, bem como o receio dos pais em enfrentar possíveis estigmas e repercussões negativas no dia a dia familiar (Vieira *et al.*, 2023).

Entre os adolescentes percebe-se frequentemente um sentimento de negação. A negação, enquanto mecanismo de defesa, atua como um escudo contra a realidade dolorosa, impedindo que a pessoa encare certos aspectos da sua condição. Por conseguinte, é essencial que a assistência seja direcionada para promover a aceitação da doença, fornecendo explicações sobre os sinais e sintomas, assim como medidas preventivas contra a hanseníase. O conhecimento desempenha um papel crucial na forma como o indivíduo reage, influenciando diretamente na prática do autocuidado (Ponte; Ximenes Neto, 2005).

Embora existam campanhas dedicadas ao controle da hanseníase, visando desmistificar concepções equivocadas e promover o diagnóstico precoce e o tratamento adequado, o medo ainda persiste. Assim, também é fundamental oferecer assistência integral e contínua, com o intuito de desfazer os equívocos ainda presentes na percepção da doença (Ponte; Ximenes Neto, 2005).

Portanto, torna-se claro que o preconceito e o estigma relacionados à hanseníase têm impactos diretos sobre crianças e adolescentes. A falta de entendimento sobre essa condição por parte de muitos adultos se reflete de forma prejudicial nas crianças, que absorvem as percepções transmitidas por seus cuidadores.

As repercussões da hanseníase sobre a sociabilidade: família e amigos

A presença de uma criança ou adolescente na família que sofre de hanseníase afeta todos os envolvidos, podendo levar os membros do mesmo lar a um estado de desequilíbrio emocional (Vieira *et al.*, 2023). Nesse pensamento, devido ao estigma social que envolve a hanseníase, diversos fatores, como o preconceito e a escassez de conhecimento, influenciam na forma como as pessoas se relacionam com os portadores dessa condição. Por receio de alterações nos vínculos familiares e de amizade, muitos adolescentes escolhem manter silêncio sobre sua condição ou compartilhá-la apenas com poucos confiantes. Para evitar tal repercussão, escondem sua enfermidade, com o intuito de evitar mudanças no comportamento de seus conviventes (Ponte; Ximenes Neto, 2005).

É importante destacar que não apenas a criança ou o adolescente sente a necessidade de ocultar sua enfermidade, mas muitas vezes é a própria família que o faz. Esse comportamento se manifesta através do uso de roupas para cobrir manchas, ocultação do membro afetado e vigilância constante por parte da família em relação ao paciente jovem com hanseníase (Vieira *et al.*, 2023).

Isso acontece principalmente por atitudes preconceituosas decorrentes da ausência de informações precisas sobre a hanseníase por parte de familiares, amigos e vizinhos. Muitos acreditam erroneamente que a doença é altamente contagiosa e, por isso, afastam-se, excluem, ou isolam os doentes para evitar contrair a enfermidade (Ponte; Ximenes Neto, 2005).

Além disso, uma das consequências mais marcantes enfrentadas pelos



adolescentes com hanseníase é a necessidade de manterem sua condição em segredo no âmbito escolar. Eles acreditam, muitas vezes, que, se sua enfermidade for descoberta, podem ser alvo de *bullying*, já que os seus colegas são pessoas saudáveis. Assim, acreditam que manter distanciamento e isolamento seriam medidas de prevenção adequadas (Vieira *et al.*, 2023). Desse modo, os indivíduos portadores de hanseníase experimentam um temor profundo diante da possibilidade de serem excluídos devido à sua condição. O receio do preconceito pode resultar em um isolamento social, levando a pessoa a se afastar do convívio com os outros como uma forma de se proteger do sofrimento (Ponte; Ximenes Neto, 2005).

Os equívocos disseminados sobre a hanseníase geram no ambiente escolar em que os adolescentes estão inseridos comportamentos preconceituosos e inadequados, que os levam a experimentar sentimentos de inferioridade. Isso prejudica sua integração, onde tais atitudes reduzem o interesse pelo estudo (Ponte; Ximenes Neto, 2005). A sensação de ser diferente em relação aos seus colegas se torna um momento desafiador, e quando os sinais de estigma não são conhecidos pelos outros de forma imediata, a pessoa percebe-se como possuindo qualidades e atributos inferiores aos demais (Vieira *et al.*, 2023), o que pode aumentar o peso da carga psicológica nesses indivíduos.

Em síntese, apesar do intenso sofrimento causado pela doença, percebe-se uma forte vontade de mantê-la em segredo, pois a revelação compromete a interação social. Decidir para quem revelar a condição é um dos grandes desafios enfrentados por crianças, adolescentes e seus familiares (Vieira *et al.*, 2023).

Dessa forma, é crucial oferecer assistência cuidadosa, fornecendo orientações precisas e claras, concentrando-se nas informações essenciais que a criança ou o adolescente precisa saber. Isso inclui detalhes sobre prevenção, medicação e transmissão da doença, para que esse público e seus conviventes possam entender a hanseníase e não ter receio de buscar ajuda e suporte terapêutico. Vale ressaltar que é fundamental que a família assuma o papel de principal cuidadora e protetora da criança e/ou do adolescente, trabalhando pelo processo de recuperação e pelo tratamento eficaz.

Superação e expectativa: a importância do atendimento humanizado



O cuidado abrangente voltado para crianças e adolescentes é assegurado como política de saúde pública oficialmente estabelecida no Brasil. Esse cuidado deve ser fornecido considerando e respeitando plenamente tanto a condição de ser criança quanto a de ser adolescente, abrangendo atenção física, necessidades sociais e emocionais (Vieira *et al.*, 2023). Isso evita que a criança ou o adolescente sintam-se preso no presente, privado de sonhar e de construir, e veja um futuro do qual a doença não faz parte.

Por isso, é imprescindível proporcionar uma assistência que vá além de atender às suas necessidades imediatas, incluindo práticas de promoção e educação em saúde que visem preservar sua qualidade de vida. Caso contrário, a hanseníase pode impactar negativamente na formação de sua identidade (Ponte; Ximenes Neto, 2005).

É essencial pontuar que os profissionais encarregados do cuidado de crianças e adolescentes com hanseníase assumem a responsabilidade pelo diagnóstico, tratamento, recuperação e pela promoção da educação em saúde. Entretanto, muitos destes profissionais não possuem a qualificação adequada ou a sensibilidade necessária, o que compromete a qualidade do cuidado prestado. Suas abordagens educativas frequentemente ocorrem de forma unilateral e impessoal, onde o conhecimento transmitido é filtrado e selecionado exclusivamente pelo emissor, desconsiderando as experiências individuais dos pacientes. Isso dificulta o desenvolvimento de um pensamento crítico que poderia auxiliar na mudança da percepção da doença, por parte das crianças e dos adolescentes (Vieira *et al.*, 2023).

Por fim, a implementação do acolhimento no cuidado à saúde da criança e do adolescente com hanseníase é crucial para minimizar possíveis falhas no atendimento e diagnóstico, além de facilitar o estabelecimento de vínculos entre profissional de saúde, paciente e familiares. A adoção de uma abordagem inclusiva e humanizada na assistência emerge como uma estratégia para fortalecer os alicerces das ações de promoção da saúde da população. Adicionalmente, é fundamental que o profissional também empregue uma linguagem lúdica para compreender o universo infanto-juvenil (Oliveira; Marinus; Monteiro, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada pela micobactéria *Mycobacterium leprae* que pode afetar o bem-estar psicológico do indivíduo, uma vez que, culturalmente, a doença traz um forte estigma negativo. Diante do contexto de crianças e adolescentes, o diagnóstico da hanseníase pode indicar a prevalência da doença na população de uma dada comunidade, sendo fundamental sua identificação para avaliar o seu nível de transmissão. Ademais, é fundamental que o profissional de saúde, ao diagnosticar e ao tratar a hanseníase em crianças e adolescentes, tenha a competência necessária para exercer a empatia e acolher o paciente com humanidade.

REFERÊNCIAS

- MAIA, MAC; SILVA, BAA; SILVA, RC Extensão universitária: Hanseníase na escola, em busca de um diagnóstico precoce. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 1, pág. 25–32, 8 de março. 2020.
- MANCINI, M. C.; SAMPAIO, R. F. Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v. 10, n. 4, dez. 2006.
- MARINHO, F. D. et al. HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 3, n. 2, 2015.
- MELO MATOS, E. V. et al. Hanseníase em menores de quinze anos: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Prevenção de Infecção e Saúde**, v. 1, n. 4, p. 63, 28 nov. 2015.
- MOTA, A. O. DAS N. et al. Hanseníase na infância: uma série de casos / Leprosy in childhood: a case series. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 3, p. 22354–22365, 6 mar. 2021.
- NUNES, J. M.; OLIVEIRA, E. N.; VIEIRA, N. F. C. Hanseníase: conhecimentos e mudanças na vida das pessoas acometidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. suppl 1, p. 1311–1318, 2011.
- OLIVEIRA, J. D. C. P. DE; MARINUS, M. W. DE L. C.; MONTEIRO, E. M. L. M. Práticas de atenção à saúde de crianças e adolescentes com hanseníase: discursos de profissionais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 41, p. e20190412, 13 jul. 2020.
- PONTE, K. M. DE A.; XIMENES NETO, F. R. G.. Hanseníase: a realidade do ser adolescente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 3, p. 296–301, maio 2005.
- RODRIGUES, T. et al. Hanseníase em menores de 15 anos na cidade de Juazeiro-BA. **Hansenologia Internationalis**, v. 37, n. 1, p. 45–50, 30 jun. 2012.
- VIEIRA, M. C. A. et al. Repercussões no cotidiano de crianças e adolescentes que viveram com hanseníase. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 124–134, 6 mar. 2023.
- WHO. World Health Organization. **Leprosy**. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/leprosy>. Acesso em: 21 março de 2024.